

## **O caminho percorrido por mais uma GEARTEana: a docência e a pesquisa, trajetórias convergentes**

Rosana Fachel de Medeiros

(Secretaria Municipal da Educação de Canoas — SME-Canoas/RS, Brasil)

**RESUMO — O caminho percorrido por mais uma GEARTEana: a docência e a pesquisa, trajetórias convergentes** — Esse artigo apresenta minha caminhada acadêmica e profissional. Nessa trajetória meu engajamento em projetos de pesquisa, vinculados ao grupo de pesquisa GEARTE/UFRGS (Grupo de Pesquisa em Arte e Educação - UFRGS) foi imprescindível para tornar-me uma professora-pesquisadora. O contato com a pesquisa ainda na graduação, como bolsista de Iniciação Científica, a realização do curso de Especialização, do Mestrado e, recentemente, do curso de Doutorado foram momentos de muito aprendizado. As coletas e análises de dados, o estudo de teorias e a produção e publicação de artigos me constituíram como pesquisadora. Desde o meu ingresso como professora da Rede Pública de Ensino na Educação Básica, meu olhar analítico está vinculado a minha prática docente. Nesse texto, conto um pouco dessa trajetória e reitero que, ministrar aulas e pesquisar são ações indissociáveis.

### **PALAVRAS-CHAVES**

Pesquisa. Docência. Educação.

**ABSTRACT — The path taken by one more GEARTEana: teaching and research, convergent trajectories** — This article presents my academic and professional journey. In such journey my involvement in research projects, linked to the research group GEARTE / UFRGS (Group of Research in Art and Education - UFRGS) was essential so I could become a teacher-researcher. The contact with the research still in the undergraduate course, as a student with scholarship of scientific initiation, the specialization course, the master's degree and, recently, the doctorate course were moments of intense learning. The collecting and analysis of data, the study of theory and the production and publication of articles constituted me as a researcher. Since my entry as a teacher of the Public Basic Education Network, my analytical perspective is linked to my teaching practice. In the text, I tell a little of this journey and reiterate, teaching classes and researching are inseparable actions.

### **KEYWORDS**

Research. Teaching. Education.

*[...] não basta um professor que ensina; é necessário um professor que pesquisa e por isso ensina (BECKER e MARQUES, 2010, p. 10).*

Para iniciar essa conversa é importante explicitar minha caminhada acadêmica e profissional. Essa trajetória tem início em agosto do ano 2000 quando ingressei na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no curso de Pedagogia. Nesse momento comecei a ter contato com as disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação e, gradativamente, as discussões referentes ao ensino e à aprendizagem tornavam-se mais concisas.

No ano de 2001, no terceiro semestre da graduação, fui aluna da professora Doutora Analice Dutra Pillar na disciplina “Educação e Arte: expressão plástica”, e com o objetivo de aproximar-me dos seus estudos tornei-me sua bolsista, tamanho foi o interesse que suas exposições sobre a Arte e Ensino da Arte me despertaram. Ocupei essa função até o ano de 2007 e nesse período participei de três subprojetos, os quais tiveram como objeto de estudo desenhos animados com foco na sua significação pelo público infantil. As análises dessas animações, assim como a produção de sentido dos estudantes frente às mesmas foram embasadas na teoria Semiótica Discursiva. Concomitantemente, me formei em Pedagogia, Habilitação Séries Iniciais (2004) e Habilitação Educação Infantil (2006). Após a graduação participei do curso de Especialização em Educação Infantil e Primeiro Ano do Ensino Fundamental na mesma Universidade (2007).

Em março de 2008 ingressei no curso de mestrado em Educação, na linha de pesquisa Educação: Arte, Linguagem e Tecnologia dentro da temática Educação e Artes Visuais (PPGEDU-UFRGS) com a orientação da professora Analice Pillar. Nesse curso o objetivo foi aprofundar os estudos iniciados no terceiro subprojeto que participei como bolsista de Iniciação Científica “Interação de linguagens no desenho animado Bob Esponja: leitura, televisão e infância”, enfocando discussões referentes às infâncias presentificadas pelos personagens do desenho. Durante o curso de mestrado, no ano de 2009, fui chamada em um concurso público para assumir o cargo de professora no município de Canoas (RS), função que exerço até hoje.

No ano de 2010, defendi a dissertação “Bob Esponja Calça Quadrada: produções de sentido sobre infâncias e masculinidades”. Uma das peculiaridades dessa animação se evidencia pela apresentação de diferentes formas de adultez, de infância, de masculinidade e feminilidade. Dessa forma, podemos pensar que nesse desenho são mostradas diferentes formas de ser e de estar no mundo, para além dos estereótipos. No momento de defesa e aprovação da dissertação tive a certeza de ter cumprido meu dever e ter dado o meu melhor como pesquisadora. Foi um momento de muita alegria!

No dia 15 de março de 2010, passei a exercer o cargo de professora de forma exclusiva, ou seja, acreditei que atuaria somente como professora após a escrita da dissertação, ledô engano. Estar em sala de aula aguçou ainda mais meu olhar de pesquisadora. Ser professora de Artes nos Anos Finais do Ensino Fundamental possibilitou-me a convivência diária com os adolescentes, e com esta experiência tive a oportunidade de observar seus interesses, inquietações, buscando compreender a forma como veem o mundo e interagem entre si. Frente a essas questões o “olhar-pensante” (MARTINS, 1993) vem me acompanhado diariamente, desde a minha participação como bolsista e até mesmo agora, depois de concluir o curso de doutorado. Isso fica comprovado pelas pesquisas que venho realizando e pelos textos que, ao longo desse período, estou escrevendo e publicando a partir da minha experiência como docente e pesquisadora.

Em 2010 publiquei, no livro “Abordagem triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais”, organizado por Ana Mae Barbosa e Fernanda Pereira da Cunha o artigo “Leitura de imagens na Educação Infantil: imagens de arte na sala de aula”, nesse texto revisei criticamente minha experiência com as propostas de Leitura de Imagens que realizei no estágio curricular obrigatório em Pedagogia para a habilitação – Educação Infantil.

No ano de 2011, escrevi sobre as produções de sentido de uma turma de Educação Infantil frente a dois desenhos animados, e, ainda, fiz uma análise comparatista dessas duas produções dedicadas ao público infantil no artigo “Desenhos animados em sala de aula: Tom e Jerry e Bob Esponja Calça Quadrada, uma análise comparativa”, o qual foi publicado na revista “Cadernos do Aplicação”.

Em 2012, na “Revista do Professor”, tive dois projetos publicados o primeiro “Brincar e aprender” surgiu com o objetivo de resgatar jogos e brincadeiras antigas com alunos da Educação Infantil. O segundo, “Projeto: Docência na disciplina de Artes” teve origem na minha experiência como professora de Artes. Em função de ter realizado o mestrado na linha de pesquisa “Educação: Arte, Linguagem e Tecnologia” e na temática “Educação e Artes Visuais”, no ano de 2011 fui convidada pela equipe

diretiva da escola onde trabalhei para ministrar a disciplina de Artes para os alunos do 6º ao 9º ano. Esse desafio foi prazeroso, possibilitou muitos aprendizados e está rendendo excelentes frutos.

No ano de 2013 finalizei a escrita do livro “A docência na disciplina de Artes: compartilhando experiências. Diversificadas situações de aprendizagens para os Anos Finais do Ensino Fundamental” publicado pela editora “Novas Edições Acadêmicas”. No livro compartilho com os leitores minha experiência com a docência na disciplina de Artes, visto que minha formação inicial é em Pedagogia, além disso, apresento algumas propostas de trabalhos que realizei com os alunos.

No segundo semestre de 2015, ainda colhendo os frutos da docência com os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, publiquei na “Revista do Professor” um trabalho com fotografias realizado com duas turmas de estudantes, uma de 8º e outra de 9º ano. O trabalho realizado com a primeira turma consistiu na proposta de registros fotográficos do pátio da escola. Já o outro grupo de estudantes foi convidado a ampliar seu olhar para o entorno da escola, retratando a natureza presente em seu entorno.

Em 2016, escrevi o artigo “Educação do olhar: gênero e criação artística” a partir de uma atividade que realizei na disciplina de Artes com uma turma de 9º ano, o qual foi publicado na revista “Presença Pedagógica”. Nesse texto analiso os desenhos realizados pelos alunos a partir de frases ditadas por mim<sup>1</sup>. Selecionei frases simples e pertinentes à escolaridade dos alunos com os quais trabalho, como também próximas às suas realidades. No entanto, não atribuí sexo para os sujeitos das ações nas frases, deixando a cargo dos alunos essa tarefa. Dessa forma, os

---

<sup>1</sup> Esse trabalho foi inspirado no artigo escrito por Marián Cao “Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística” no livro “Interterritorialidade: mídias, contextos e educação”, organizado por Ana Mae Barbosa e Lilian Amaral. No qual ela relata uma atividade que realizou com alunos da Universidade de Madri. O interesse da autora ao ditar frases para que os alunos as representassem com desenhos era a de que eles aperfeiçoassem seus traços nos desenhos da figura humana. No entanto, ao observar as produções dos estudantes ela percebeu a reiteração nos estereótipos de gênero, mesma constatação que tive ao analisar as produções dos estudantes do Anos Finais do Ensino Fundamental em Canoas.

alunos tinham de atribuir gêneros às mesmas. Foram elas: “Sentou para ler o jornal”, “Caminhou feliz” e “Lavou a louça sem reclamar”. De maneira geral, foi possível perceber a partir das produções dos alunos a reiteração na relação entre gênero e estereótipos de gênero.

A minha trajetória como aluna, integrante de um grupo de pesquisa e como professora me fez perceber na prática a impossibilidade de estar em sala de aula sem estar diariamente envolvida com a pesquisa. Não é possível lecionar sem manter os olhos abertos e os ouvidos atentos. Sem prestar atenção a cada comentário, a cada conversa paralela dos alunos, a cada trabalho realizado, os quais dão elementos para pensar criticamente a educação, a docência e a adolescência.

A docência na Educação Básica me permite interagir diariamente com os estudantes e perceber o quanto o jeito de ser adolescente nos dias de hoje é diferente da forma como eu vivi a minha adolescência, por exemplo. Atualmente, com a incursão das tecnologias de comunicação e informação, a forma como os adolescentes se relacionam modificou muito. Hoje eles interagem virtualmente com mais facilidade e desenvoltura do que pessoalmente.

A maneira como os adolescentes interagem reflete as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, na qual estamos completamente imersos nas tecnologias de comunicação e informação. Basta um clique para escutarmos nossa música preferida, para imortalizarmos um momento com uma fotografia ou com um vídeo, bem como para, instantaneamente, nos comunicarmos e também para nos atualizarmos sobre os mais variados assuntos de qualquer lugar do mundo.

Estamos constantemente conectados à internet através de computadores, de *tablets* e de celulares. E, no caso desses últimos, constantemente ligados e ao alcance das mãos, não apenas pela possibilidade de realizarmos chamadas telefônicas a qualquer momento e em qualquer lugar, mas, principalmente, pelo desejo de uma onipresença virtual e de uma onisciência informacional. Além disso, o registro de

cenar, imagens, vivências através de fotografias e vídeos, está cada vez mais comum e mais presente, tornando-se, não só algo muito fácil, como também um imperativo.

Não basta apenas ver, precisamos ver através do visor, precisamos da visão mediada pelo aparato que a legitima. Seja qual for a situação, vivemos a angústia não apenas de registrar esses momentos, mas de compartilhá-los através das redes sociais como se isso fosse fundamental para validar a experiência vivida. Conforme pontua Susan Sontag (1981, p. 14-15), a respeito da veracidade proporcionada pelas fotografias: “as fotografias fornecem provas. Qualquer coisa de que se ouve falar, mas de que se duvida, parece ficar provado graças a uma fotografia”. Mesmo sabendo que a fotografia é uma criação que pode ser manipulada e modificada a sua competência em registrar os acontecimentos da vida cotidiana e os imortalizá-los em imagens é inquestionável. A esse respeito, Paula Sibilia (2008, p. 33) afirma que:

Não é raro que a foto termine engolindo o referente, para ganhar ainda mais realidade do que aquilo que em algum momento deveras aconteceu e foi fotografado. Com a facilidade que esse dispositivo oferece na captação mimética do instante, a câmera permite documentar a própria vida: registrar a vida sendo vivida e a experiência de ‘se ver vivendo’. (SIBILIA, 2008, p. 33)

Assim, além de registrar e, de certa forma, validar os acontecimentos, a fotografia permite revê-los infinitamente. E isso é algo que os adolescentes fazem com destreza. Essa demanda contemporânea evidencia as mudanças que estão acontecendo. Hoje os adolescentes passam mais tempo dentro de casa, eles têm mais aparelhos tecnológicos à disposição e despendem grande parte de seus dias interagindo com eles. Essa realidade, certamente, influencia a forma como os adolescentes se relacionam entre si e com o mundo que os cerca.

Conviver com adolescentes diariamente me fez modificar minha primeira intenção de estudo no doutorado. Primeiramente eu tinha o interesse em dar continuidade à pesquisa que realizei no mestrado e pretendia dar seguimento ao estudo da animação “Bob Esponja Calça Quadrada” apresentando e aprofundando algumas discussões que não puderam ser realizadas durante o curto tempo de realização da dissertação.



No entanto, como já venho explicitando nesse texto, essa proximidade com os estudantes direcionaram meu olhar para outras questões. Assim, o que me moveu e motivou como pesquisadora foi buscar entender a forma como esses jovens se relacionam com os dispositivos tecnológicos, em especial, o celular.

A partir do momento que decidi incluir meus alunos na pesquisa de doutorado e entender a forma como eles se relacionam com o auxílio das tecnologias digitais de comunicação, diferentes inquietações surgiram: O que especificamente pesquisar sobre a relação dos jovens com os aparelhos celulares? Quais usos eles fazem dessa tecnologia? Como os adolescentes se relacionam entre si a partir da incursão das tecnologias digitais? Em quais momentos do dia eles interagem com esse aparato? Quais conteúdos eles acessam? Quais conteúdos eles produzem com o auxílio desse aparelho?

Dentre as inúmeras possibilidades de pesquisa que se tornariam possíveis a partir da forma como os adolescentes se relacionam com as tecnologias digitais na atualidade, pensei que seria importante ser coerente com a minha trajetória acadêmica e profissional. Frente a isso se mostrou imprescindível incluir as imagens nessa discussão. Dessa forma, além de dar continuidade ao interesse de pesquisa que me acompanha desde os primeiros semestres da graduação vou ao encontro de uma demanda atual e instigante, a visualidade.

Desde que comecei a olhar criticamente para diferentes desenhos animados, ainda como bolsista Iniciação Científica até o estudo da animação “Bob Esponja Calça Quadrada”, no mestrado o olhar atento para as imagens, nesse caso para as imagens em movimento, acompanhou minha formação acadêmica. O que não está sendo diferente na docência. Nas aulas que ministro procuro incluir discussões críticas frente aos diversificados tipos de imagens com os quais convivemos diariamente, além disso, busco proporcionar aos estudantes momentos para produzirem imagens com desenho, colagens e com fotografias.

Frente à minha trajetória acadêmica e profissional manter as imagens como objeto de estudo e incluir os adolescentes nessa discussão foi uma decorrência. Para tanto, na pesquisa de doutorado os estudantes foram considerados ávidos leitores e, também, produtores de imagens. Uma vez que, o acesso às tecnologias digitais torna mais intenso o contato com o visualidade e, ao mesmo tempo, permite que a produção de imagens seja mais fácil, rápida e urgente.

Além do estudo da visualidade estar presente na minha formação acadêmica, o fascínio pelas imagens me acompanha na docência. Em decorrência dessa familiaridade com os diferentes tipos de imagens e levando em consideração o quanto o universo visual participa na constituição de gostos, interesses e valores, meu interesse foi ter mais elementos para conhecer os adolescentes com os quais convivo na atualidade a partir dos registros visuais que eles acessam, produzem e compartilham, mais especificamente a partir das imagens que eles têm salvas em seus aparelhos celulares e daquelas que eles publicam e compartilham pela web.

Para tanto busquei investigar a maneira como os alunos da faixa etária entre os onze e os dezoito anos, estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Municipal Ensino de Canoas interagem com a visualidade através das tecnologias de registro, captação e publicação de imagens, especialmente o celular.

O celular é muito presente na vida dos adolescentes. Com esse dispositivo móvel eles produzem, editam, armazenam e compartilham imagens frequentemente. Fato que possibilita que o registro do cotidiano com imagens esteja cada vez mais comum e mais presente. Segundo Campos (2010), a cultura visual participa na construção de identidades juvenis na contemporaneidade. Assim, mesmo que a constituição das identidades juvenis contemporâneas seja uma temática complexa ela deve ser analisada e compreendida pelos docentes.

Frente a isso os objetivos da tese foram, compreender a adolescência contemporânea, representada por um grupo de estudantes da cidade de Canoas, a



partir da forma que os eles se relacionam com as tecnologias digitais; Conhecer as fotos que três adolescentes canoenses tinham salvas em seus aparelhos celulares e aquelas que eles publicavam em suas páginas pessoais na internet. Especificamente para essa pesquisa criei categorias de análise para as imagens produzidas, armazenadas e compartilhadas pelos estudantes. Além de analisar as imagens que eles produzem, armazenam e aquelas que eles elegem para compartilhar nas redes sociais.

A partir da pesquisa de doutorado foi possível perceber que os adolescentes utilizam muito seus aparelhos celulares para comunicarem-se com seus pares, especialmente pelo aplicativo *WhatsApp*, como também, para produzir, editar, armazenar e compartilhar imagens, principalmente, fotografias. A maior parte das fotos armazenadas e publicadas pelos adolescentes são selfies sozinhos. Em grande parte dessas imagens eles se mostram em plano médio e dão especial destaque para seus rostos fazendo “biquinho” e utilizam diferentes filtros procurando mostrar as suas melhores versões.

Além de colocar em discussão a forma como os adolescentes usam seus dispositivos móveis, conhecer e categorizar as imagens que eles armazenam, a tese teve como objetivo chamar a atenção para essa discussão contemporânea e complexa, como também encorajar os professores a incluírem os celulares em suas aulas como mais um recurso pedagógico, para além do entretenimento e da dispersão. Assim, na tese, coloquei em discussão esse tema contemporâneo e instigante: o uso do telefone celular dentro e fora da escola, o ambiente digital em rede e a visualidade.

Ainda em 2018, juntamente com as últimas análises de dados para a finalização da tese, publiquei dois artigos a partir da pesquisa que realizei no mestrado a respeito da animação estadunidense *Bob Esponja Calça Quadrada* o primeiro intitulei “Produções de sentido em *Bob Esponja Calça Quadrada*”. Esse texto está disponível online no nono volume da revista “Educação, Cultura e Comunicação”. Nele apresentei parte da análise que realizei a partir de seis aberturas desse desenho

animado, como também, reiterarei a qualidade de “Bob Esponja” em apresentar em seu enredo elementos que permitem diferentes discussões como: gênero, sexualidade, infância, relações de amizade, entre outros.

O segundo, “Os super-heróis também envelhecem? Corpos e masculinidades nos desenhos animados”, publicado na revista “Comunicação, Mídia e Cultura”, surgiu como um desdobramento da dissertação e juntamente com Rosângela Fachel comparei os super-heróis ídolos de Bob Esponja, Homem Sereia e Mexilhãozinho, com dois personagens clássicos das histórias em quadrinhos Aquamem e Aqualand. Nessa pesquisa constatamos que os personagens criados por Hillenburg para compor a série animada Bob Esponja são versões envelhecidas e paródicas desses dois clássicos personagens dos quadrinhos. E, nesse momento, três artigos nos quais amplio algumas das discussões apresentadas na tese estão sendo avaliados por revistas científicas brasileiras.

Finalizo esse texto reiterando a importância do olhar curioso da pesquisa nunca abandonar a docência. Aprender juntos é possível, e nessa caminhada o pesquisador se transforma quando se deixa ser tocado por aquilo que pesquisa.

Nessas últimas palavras aproveito para formalmente agradecer a acolhida do GEARTE, em especial a sua coordenadora Analice Pillar e a vice coordenadora Maria Helena Rossi. A participação nesse grupo de pesquisa me constituiu nessa professora-pesquisadora, pesquisadora-professora que procurei apresentar nesse texto. Muito obrigada!

## Referências

BECKER, Fernando, MARQUES, Tania B. M. *Ser professor é ser pesquisador*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 63, p. 113-137, 2010.

MARTINS, Miriam Celeste. O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar. *ARTEunesp*, São Paulo, v.9, p.199-217, 1993.

MEDEIROS, Rosana Fachel de. Leitura de imagens na Educação Infantil: imagens de arte na sala de aula. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 285-295.

- MEDEIROS, Rosana Fachel de. Desenhos animados em sala de aula: Tom e Jerry e Bob Esponja Calça Quadrada uma análise comparativa. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 24, n.1, p. 157-174, 2011.
- MEDEIROS, Rosana Fachel de. Projeto: Docência na disciplina de Artes. *Revista do Professor*, Belo Horizonte, 110. ed. 2012.
- MEDEIROS, Rosana Fachel de. Brincar e aprender. *Revista do Professor*, Belo Horizonte, 109. ed., 2012.
- MEDEIROS, Rosana Fachel de. Produções de sentido em Bob Esponja Calça Quadrada. *ECCOM - EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO*, Lorena, v. 9, p. 151-158, 2018.
- MEDEIROS, Rosana Fachel de. *Os adolescentes e os aparelhos celulares: visualidades contemporâneas*. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- MEDEIROS, Rosângela Fachel de; MEDEIROS, Rosana Fachel de. Os super-heróis também envelhecem? Corpos e masculinidades nos desenhos animados. *COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO*, São Paulo, v. 15, p. 97-117, 2018.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

### **Rosana Fachel de Medeiros**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Habilitação Séries Iniciais (2004) e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Habilitação Educação Infantil (2006). Especialista em Educação Infantil (2007), Mestre (2010) e Doutora em Educação e Artes Visuais (2018) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU-UFRGS). Professora da Educação Básica ministra a disciplina de Artes no município de Canoas/RS. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE/UFRGS/CNPq).

E-mail: zanafachel@yahoo.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4118891501254247>

*Recebido em 15 de janeiro de 2019  
Aceito em 5 de março de 2019*